

Tucanos continuam sem pressa

A resistência do PSDB de São Paulo ao apoio integral à candidatura de Lula pode ser decisiva na posição oficial que o partido tomará, através de seu Diretório Nacional, no próximo sábado. Os “tucanos” preferem aguardar uma aproximação mais incisiva do PT, mas desde já recebem manifestações de descontentamento com esses contatos das bases de São Paulo, maior colégio eleitoral e principal reduto eleitoral do partido.

A longa reunião de ontem da Executiva Nacional, sem poder de decisão, acabou indicando o esperado: repúdio a qualquer aliança com Fernando Collor, mantendo em suspenso o grau de apoio a Lula. Amanhã as bancadas de deputados federais e senadores tentam tomar uma posição, mas somente na reunião do Diretório Nacional é que se terá a decisão oficial dos “tucanos” para o segundo turno.

Cortesia — Coube justamente ao ex-governador de São Paulo e presidente do partido, Franco Montoro, abrir a reunião de ontem. Montoro contou que foi procurado pelo deputado Renan Calheiros e pela economista Zélia Cardoso

de Mello, do lado de Collor, e pelo líder do PT na Câmara, Plínio de Arruda Sampaio, que lhe pediu apoio a Lula. Segundo o senador Fernando Henrique Cardoso, a visita de Plínio não passou de “uma cortesia”. O deputado teria levado a Montoro apenas o programa básico de 13 pontos do PT, “um papel que todo mundo conhece”, como definiu Cardoso.

O senador discursou em seguida, recordando que os “tucanos” sempre foram vaiados pelo PT em comícios, e que as situações regionais variáveis devem ser respeitadas. Pediu, no entanto, que se analisasse a questão sob a ótica nacional. Fernando Henrique tem defendido o apoio crítico a Lula, ou seja, apenas com objetivo de vitória sobre Collor. O partido seguiria depois para uma linha independente no Congresso, sem compromissos no futuro governo.

Essa posição enfrenta resistências no PSDB. Há um grupo que prega a aliança em torno do PT com base em um programa comum. Outros, encabeçados pelo senador José Richa, querem a independência: pelas divergências entre PT e PSDB, cada um votaria como

quisesse, sem que o partido se engajas-se na campanha de um dos dois candidatos.

Engajamento — O deputado Aécio Cunha Neves cita entre os pontos programáticos que afastam os dois partidos a questão da dívida externa, a posição parlamentarista dos “tucanos”, sua opção pela social-democracia, e não o socialismo, e também a forma de realização da reforma agrária. “O engajamento não poderia ser apenas na campanha, porque de qualquer maneira teríamos uma responsabilidade com o governo eleito. O voto no PT ocorreria naturalmente para a maioria, mas sou contrário a um comprometimento”, disse.

O prefeito de Belo Horizonte, Pimenta da Veiga, cauteloso, garantiu que a posição pela neutralidade estava sendo vencida dentro do PSDB. A tendência, confirmada por Fernando Henrique Cardoso, é de esperar a aproximação por parte do PT, enquanto se procuram administrar os conflitos com as bases. “Não é cara ou coroa. É o País que está em jogo”, disse o senador, lembrando que não há pressa dos “tucanos” por uma definição.

Sim e não

□ O ministro da Educação, Carlos Sant’Anna, disse ontem no Rio que vai propor ao grupo dos moderados do PMDB, a continuação do partido como uma frente de oposição ao futuro presidente. Mas sua proposta também prevê uma trégua de 100 a 200 dias ao futuro presidente.

□ O vice-presidente do Rio Grande do Sul, Sinval Guazzeli, prefere aguardar a manifestação das bases do PMDB para se posicionar na campanha presidencial. Guazzeli é apontado como um dos candidatos preferenciais à sucessão de Simon.

□ A Igreja vai recomendar a seus fiéis atenção especial às alianças e coligações para o segundo turno, “pois é preciso saber a que preço esses acordos estão sendo feitos”, disse o bispo de Santa Maria (RS) e ex-presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

□ Se depender da Frente Brasil Popular, nem mesmo o voto do governador de Minas, Newton Cardoso, o seu candidato à sucessão, Lula, terá no segundo turno. A direção do PT já havia decidido rejeitar “mesmo que o voto da Newton representasse a vitória de Lula”, como garantiu a deputada mineira Sandra Starling.

□ Independente da decisão da Executiva Estadual, os dirigentes do PDT sergipano já resolveram que vão às ruas defender a candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva. “Depois da campanha progressista de Lula, não tem sentido nos bandearmos agora para o lado de Collor”, disse o presidente regional do PDT, Francisco Dantas.

□ A liderança do PT no Rio Grande do Norte não admite alianças com grupos que mantém oligarquias políticas no Estado, mesmo aquelas que, hoje, estão abrigadas em um partido como o PDT. Esta é a posição a ser tomada em Brasília, pelo coordenador da campanha de Lula no Estado, Hugo Manso.

Arraes negocia adesões a Lula

O governador de Pernambuco, Miguel Arraes (PMDB), um dos principais articuladores da candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) no Nordeste, afirmou ontem em Recife que irá procurar os governadores Tasso Jereissati (CE) e Geraldo Melo (RN) para pedir apoio a Lula no segundo turno e que a Frente Brasil não deve negociar os pontos principais da plataforma de governo defendida no primeiro turno. “Os apoios devem ser no sentido de mudanças, as negociações, que não são fundamentais, não devem parecer transações”.

Arraes criticou com veemência a tese defendida por setores do PMDB de neutralidade no segundo turno. “A

neutralidade é própria de quem quer se confrontar com a população e favorece a direita”. Ele disse que, para ele, “em eleições ninguém deve deixar de se definir”. Arraes, em conversa com amigos e pessoas de sua confiança, tem dito que o segundo turno será definido entre “o candidato rico e o candidato pobre”, uma referência de que a campanha girará em torno da bipolarização entre quem representa o que, defende o que e está ao lado de quem.

Arraes não apoiou formalmente a candidatura Ulysses Guimarães (PMDB), e permaneceu toda a campanha entre as candidaturas Leonel Brihola (PDT) e Lula.